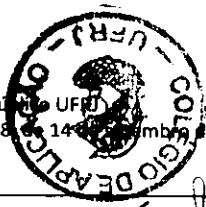




Questão 1: O ensino escolar de literatura Africana de língua Portuguesa é uma conquista recente em nosso país. Até a institucionalização da Lei Federal que impõe a obrigatoriedade do estudo referido, a abordagem centrava-se nas literaturas brasileira e portuguesa. Mesmo com uma parcela considerável de cidadãos negros, nessa nação marginalizava a cultura e literatura africanas. Essa prática educativa, além de geradora e ratificadora de preconceitos, mantrava-se excludente e anti-democrática. A importância desta mudança estrutural é inegável e vem trazendo - mesmo que de forma lenta e gradual - conhecimento e valorização da cultura negra, durante tanto tempo desprezada.

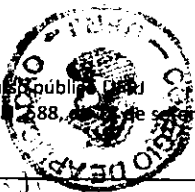
Itens de ensino das literaturas produzidas em Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, ocorre o contato do aluno (leitor em formação) com, não apenas a beleza contida na literariedade desses textos artísticos, mas também com a cultura africana, secularmente marginalizada. Afinal, nesse passado histórico traz a memória da escravidão. Na época do Brasil-colônia, negros eram considerados "animais", "sem alma", e, conseqüentemente, "sem cultura".

Mas as dificuldades continuam existindo, obviamente. Apesar da existência da lei, o espaço destinado ao estudo das literaturas (em termos de tempos de aula) ainda é restrito. Aliás, o tempo dedicado ao estudo da literatura, de uma forma geral, é quase sempre insuficiente. Em algumas escolas (ou até em algumas redes de ensino) tal tarefa apresenta-se como um desafio hercúleo para o professor, que, em poucos tempos de aula, muitas vezes destinados à Língua Portuguesa, precisam organizar e ministrar suas aulas abordando o ensino de Gramática, Leitura e Produção Textual e o ensino de literatura. Além, podemos estender ainda mais a discussão, se pensarmos em como as chamadas "Humanidades" vem perdendo espaço



nas currículos escolares. As disciplinas Literatura, Filosofia, Sociologia e até mesmo História e Geografia vêm cada vez mais perdendo espaço, o que é grave, pois o estudo das mesmas promove o senso crítico, a consciência sobre si, sua história e sua identidade. Essa tendência precisa ser combatida. O que dizem sobre a "Nova Ensino Médio", tão sedutor nas propagandas televisivas do governo federal? Viregar pelas literaturas africanas; é preciso! Assim, formam-se cidadãos inteiros, formam-se (a repetição aqui feita proposital) e não impressionam-se. Estudar literatura africana, deliciando-se com os textos belíssimos de Agostinho Neto, Pepetela, Luandino Vieira, Mia Couto, Luiz Carlos Patraquim, Zóvia Sultuane, Tóma Tomé, ~~Or~~ Ondjaki, entre inúmeras outras, é além de promover a democracia, combater a ignorância e o preconceito. É resistir a um processo de opressão secular.

Questão 2: A riqueza dos textos literários africanos de língua portuguesa é inquestionável. É possível trabalhá-los de inúmeras maneiras em sala de aula. Essa riqueza não se restringe aos temas; abarca também a construção linguística — forma — e mesmo. Aspectos formais podem ser trazidos para as aulas não só de literatura, mas até de língua portuguesa. Muitos autores, com finalidades várias, transgredem as normas da língua, criando uma "nova língua", "gumbundizada", neologizada. Como autoafirmação e até como ferramenta de luta, autores como Luandino Vieira (por exemplo, em Luanda) inserem termos oriundos de línguas nativas, como o gumbumbé. Pode-se trabalhar em sala de aula esses processos, desarticulando os mecanismos gramaticais que estão em sua base e o efeito estilístico que é gerado a partir disso. Outro exemplo é o mo-gumbucano Mia Couto, para quem, aliás, Guimarães Rosa; nosso grande ficcionista brasileiro, é uma explícita influência. Este



utiliza-se, em seus textos, de várias processos transgressores que "recusam" a língua de forma lúdica e inovadora. O uso de neologismos é um exemplo. Mia Couto explora largamente esses processos de criação, fazendo uso, não apenas dos neologismos, mas de outros processos de formação de palavras que podem ser observados e explorados em discussões em sala de aula. Alguns autores referem-se ao processo criativo em Mia Couto como "brincadeira vocabular", pois o mesmo traz, também, ludicidade ao texto.

Questão 3: O Ensino (leitura, discussão, análise) das literaturas africanas de língua portuguesa é ^{importante} ~~fundamental~~ no Ensino Médio. Da mesma maneira é, no Ensino Fundamental. Nesta etapa, o desenvolvimento do gosto pela leitura é crucial. Os autores africanos (os já referidos ou outros) publicam também um farto rol de livros infantis de inegável qualidade e que podem e devem estar presentes em sala de aula. Por exemplo, ao abordar um conto ("As mãos dos pretos" é uma boa referência), o professor pode explorar os constituintes estruturais do mesmo: espaço, personagens, etc, lembrando a importância de, nesses histórias, trazer personagens negres. Pode-se discutir as questões temáticas que interessam na leitura. Em "As mãos dos pretos" trata-se, justamente, da questão da cor da pele: questiona-se o porquê de as crianças lusas serem brancas, enquanto o resto do corpo é negro. Várias especulações são feitas e, por fim, um personagem melancólico e importante na literatura e cultura africana - ressalta que as mãos dos pretos são brancas para que lembrem os que todos somos iguais, pois somos humanos...). A questão da tradição oral também pode ser abordada, especialmente se se tratar do gênero textual conto. Fazer uma roda. Contar a história, ler em voz alta. Estas são algumas práticas que podem ser adotadas. Além de serem interessantes, são lúdicas e colaboram para que ocorra a valorização desses textos literários que, de certa forma, trazem elementos culturais que fazem parte da identidade de todo brasileiro.